



REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:— *Chronica*, por Azulay;— *As minas de ouro do Transvaal*, por Pinheiro Chagas;— *A mocidade portugueza*, por Alberto Pimentel;— *As Rainhas*, por D. Guiomar Torrezão;— *As nossas gravuras*;— *Em familia (passatempos)*— *Um conselho por semana*;— *A rir*;— *O coro dos Anjos*, conto, trad. de A. Gallis;— *A Esmeralda*, conto, por José Maria da Costa

GRAVURAS: D. Luiz Carlos da Costa — *Duquesa de Palmella* — *Calderon de la Barca*.— *Real Academia de Bellas Artes de Munich*.— *Valle de Modjerlach, Tunis* — *Montebello*.

CHRONICA

O verão que se approxima, vae ser um dos mais animados que, de ha muito, ainda não teve esta adoravel Lisboa, tão calumniada por aquelles que desejam ir para as praias.

O prurido de festa, de movimento, de foguetorio, de musica, já se presente nos sueltos dos jornaes.

Temos em primeiro logar a visita do rei Oscar. E quem leu com enternecimento a maneira delicadissima como elle se houve, quando o sr. D. Luiz visitou a Suecia, deve esperar que entre nós a familia real o receba com essa galhardia proverbial, que estamos acostumados a presenciar e applaudir.

No nosso *carnet* de chronista estão ainda em branco as folhas destinadas a estas festas, o que nos obriga a um silencio discreto que seria invejado por um frade trapista. Em compensação, podemos ser mais eloquentes com respeito á magnifica festa da industria, na Avenida.

Erguem-se os pavilhões alterosos e as soberbas galerias, com os seus galhardetes multicores, tremulando á brisa da tarde. Vemos já as musicas pondo uma nota alegre no ambiente; a multidão, agitando-se contente e despreoccupada, vendo e admirando; os expositores

sensibilizando-se de orgulho ante as suas installações. Que mais é preciso para cada um se sentir arrebatado no turbilhão da vida nova que se prepara para a Lisboa do futuro?

Mostramo-nos dignos do fim d'este seculo em que se viveu intensamente pelo espirito, pela arte e sobretudo pela sciencia. Doze annos apenas nos separam do seculo XX, e n'esse periodo de tempo, quantas transformações, quantas surpresas!



D. LUIZ CARLOS DA COSTA

A' parte mais gentil da humanidade—a mulher, parece estar destinado um grande papel. Vemol-a tomar uma iniciativa ousada, quer no estudo, quer no altruismo. Temos um exemplo na exposição proxima: são as

senhoras que desempenharão um papel importante.

Como?

Na parte industrial ha trabalhos, vindos de todos os pontos do reino, em que a infinita delicadeza de concepção e execução, só poderia ser levada a cabo por imaginações e mãos femininas.

São ainda as senhoras que vão aquecer com o seu sorriso de bondade as suas installações pittorescas, de venda de flores e de sortes para a revolução grandiosa do ensino dos cegos.

Ah! que se Castilho fosse vivo, o que não diria elle nos threnos suavissimos da sua musa immortal!

Ensinar os cegos! Grandiosa cousa, que só podia ser ideada por um cerebro de mulher!

E' consolador isto.

Os pequeninos entes, desde o nascimento condemnados á noite eterna, ou os ainda mais infelizes, imersos nas trevas profundas por um accidente cruel, terão de hoje para o futuro onde beber a luz artificial do saber, ou onde adquirir os conhecimentos technicos, base indispensavel da sua independencia.

Senhores: logar á mulher, eternamente boa e eternamente amoravel!

Não se julgue, porém, que as diversões extraordinarias se limitarão ao que dito fica: telegramma animador, annuncia a visita da rainha e do principe real de Italia á exposição de Barcelona, passando depois a Lisboa. Noticias recémchegadas tambem da patria do Dante, affirmam que os imperadores do Brazil, passarão o mez de junho entre nós.

Perante esta avalanche de testas coroadas, que nos vae desabar em cima, sentimo-nos commovidos de orgulho. Lisboa eleva-se. Emquanto na capital da raça latina, na Babylonia moderna, o povo se atropella nas ruas para ver passar o *brav' general*, nós vamos ter o prazer de admirar reis, rainhas e principes reaes, sem que por esse motivo o governo deixe de ficar...

E' tudo quanto um povo verdadeiramente feliz pôde exigir...

Enganamo-nos. Para a *felicidade* ser completa, os fracos descendentes dos Castros fortes pedem que não seja demolida a praça do Campo de Sant'Anna.

Aquelle gracioso monumento architectonico, que tem resistido ás epistolas do dr. Ravara e aos projectos abolicionistas do illustre par, Carlos Testa, não podia desaparecer, nem da imaginação, nem da vista de um povo, cuja educação artistica é tão accentuada...

Registamos, pois, o triumpho dos *aficionados*, intermuros; e damos os pezames á direcção do Jardim Zoológico...

O nosso povo hade ser sempre ardente, pelo menos emquanto não mudar radicalmente o clima, o que a succeder, levará bons milhares d'annos, segundo a sciencia. E' pois tempo perdido querer amoldal-o repentinamente a certos habitos e instituições, de certo muito civilisadoras, mas frias como as noites de trovões.

Devem concordar.

Quanto ao processo seguido para inocular no espirito do povo o gosto pelas academias de arte, pelos museus do trabalho, pelas conferencias, etc., etc., é o mais deploravel. Os senhores escrevem longos artigos maçudos como ripansos, que elle não lê. E os senhores, desesperados, descompõem-n'o.

Já se viu um desacerto semelhante?

Se as touradas são uma prova da rudeza dos costumes, não é com artigos declamatorios de uma publicidade restricta e de uma efficacia duvidosa, nem com projectos de lei ephemeros, que ellas desaparecerão.

Declarar-nos-iamos cansados de enumerar diversões, se em todas ellas se não ferisse a nota caritativa, tão característica da boa alma portugueza. Ainda se não apagaram de todo os echos rumorosos das festas a favor das victimas da catastrophe do Baquet, e já as damas da nossa primeira sociedade, sob a direcção aristocratica e intelligente da princeza D. Amelia, preparam uma maravilhosa kermesse nos formosissimos jardins do sr. conde de Burnay.

Kiosques, chalets, installações soberbas, em que o imprevisito se reune n'um *pêle-mêle* pittoresco ao agradável; ruas deliciosas de sombra e frescura, ladeadas de plantas exóticas; ar embalsamado pelo aroma capitoso de flores caras; tudo isso vae ser franqueado ao publico, sem distincção de classes. E o que é mais, as vendedoras de sortes serão a propria princeza e as esposas dos ministros, e as damas mais gentis do nosso mundo elegante!

Para se fazer idéa da extraordinaria romaria que vae organizar-se ao encantador jardim da Junqueira, basta mencionar este detalhe: cada sorte custará apenas um vintem!

Só nos resta admirar a isenção com que o sr. conde de Burnay sacrifica o seu riquissimo jardim ás contingencias de uma turbamulta, que não lhe pôde garantir os estragos inevitaveis.

As diversões, como se vê, resentem-se do periodo que atravessamos, d'este formoso mez das flores, que os lazaristas denominaram—o mez de Maria. Não obstante isso, uns pequeninos cartazes elegantes, affixados nas esquinas, dizem-nos muito discretamente que *elle* volta.

Gostou d'isto por cá, o grande Coquelin.

Não o atemorizou o que succedeu a Sarah Bernhardt em Lisboa e Madrid, e mostra n'isso uma delicada confiança no nosso publico, a que é dever corresponder.

Ha quem se avisinhe, tremulo, do *guichet* do bilheteiro, a perguntar quantas libras custará um fauteuil; mas supponmos que esse terror panico é infundado...

Coquelin terá considerado que, só o valor dos enormes pratos de faiança das Caldas com que costuma regalar-o Bordallo Pinheiro e com que elle deslumbra os seus amigos em Paris, vale bem a compensação de ser applaudido por uma plateia cheia de entusiastas da grande arte, em vez de uma sala irreprehensivelmente repleta de... cadeiras vazias.

O prodigioso naturalista da phrase e do gesto, pensará certamente d'este modo, e todo o infeliz mortal que não é brasileiro rico, poderá sentar-se na platéa do theatro normal, nas tres noites de recita extraordinaria.

Perdoar-lhe-hemos, assim, o não trazer cão...

AZULAY.

AS MINAS DE OIRO DO TRANSVAAL

Tem uma tal importancia para nós o apparecimento, em paiz tão proximo das nossas colonias africano-orientaes, da prodigiosa riqueza mineira que já deu origem á fundação de novas cidades, pode ser tão benefica para nós graças á feliz circumstancia de termos nas nossas mãos a chave d'essa região que parece destinada a ser no seculo XX o que foram a Australia e a California no seculo XIX, o Brazil no seculo XVIII, o Mexico e o Peru nos seculos XVI e XVII, e é tão interessante o artigo publicado a esse respeito pelo sr. George Nathan na *Longman's Magazine*, que não podemos deixar de o aproveitar para informação dos leitores da *Illustração Portugueza*.

Como acontece quasi sempre, é ainda d'esta vez aos nossos ante-passados que compete a gloria de terem dado ao mundo as

primeiras luzes d'esta descoberta. N'uma carta portugueza de 1670—é o proprio sr. Nathan quem o declara—lé-se no sitio onde hoje se colloca Kimberley a seguinte indicação: «Aqui ha diamantes.» Em 1867, porém, os viajantes Manch e Baine, não só descobriam os jazigos importantes d'essas pedras preciosas, mas tambem terrenos auríferos na região do Transvaal, restos de uma exploração antiga e vestígios de uma antiga civilização. N'este anno procuraram os mineiros com azafama os diamantes de Kimberley. Foi em 1875 porém que se principiaram a explorar os terrenos auríferos de Lydenberg e do Transvaal, sendo para alli chamados muitos mineiros da California e da Australia. N'esse anno o sr. Salomon, de Port Elisabeth, veio do interior com uns 140 arrateis de ouro em grão e em pepites, mas ainda assim não se manifestou uma grande curiosidade por esses novos jazigos. Só em 1884 é que o sr. Moodie, que conhecia a fundo os terrenos do Transvaal, e que já annos antes pedira ao governo portuguez a concessão do caminho de ferro de Lourenço Marques, concessão que deixou caducar, só em 1884 pois é que o sr. Moodie pediu e obteve do governo de Pretoria, em pagamento de uma divida, a concessão de umas treze farms de 80.000 acres de superficie e onde elle sabia que existia ouro. Pouco tempo depois o sr. Moodie vendeu a propriedade das farms a uma companhia que principiou a explorar as farms com um capital de 240.000 libras. O producto começou logo a ser promettedor de grandes lucros. Começaram as pesquisas pelos terrenos proximos. O valle do rio Kaap foi o terreno onde essas pesquisas se desenvolveram. A descoberta, em junho de 1885, do maravilhoso afloramento de quartzo conhecido primeiro pelo nome de Sheba, endoideceu perfectamente os colonos sul-africanos. Esse afloramento enriqueceu de um momento para o outro o sr. Eduardo Bray, que morreu o anno passado em Pretoria. A companhia que elle fundou, e outras duas, que tomaram o nome de *Nil desperandum* e de *Oriental*, exploraram com felicidade a serra de Sheba. É curioso o facto de o ouro não existir alli em condições vulgares. Quando se toma o quartzo, não se lhe vê o minimo signal de existencia de ouro. A rocha apresenta uma cor cinzenta azulada, com veios brancos. Só lavando-se é que o ouro apparece, porque está espalhado no quartzo em estado de farinha. É extravagantissima a situação. A's vezes imagina-se que se encontra um quartzo maravilhosamente rico, e afinal de contas reconhece-se que ao lado de uma rocha, que parece toda feita de ouro, estão outras que não teem a minima parcella d'esse formoso metal.

A noticia dos prodigiosos resultados de algumas explorações accendeu nas cabeças inglezas aquella febre do ouro que produz quasi sempre as maiores desgraças. As acções das companhias subiram de 1 libra a 23 libras, e até a 100. A companhia Kimberley Imperial, que tinha um capital de 60.000 libras esterlinas, vendeu a totalidade das suas acções por 1.350.000 libras!! É verdadeiramente extraordinario, porque o dinheiro applicado á exploração continuava a ser de 60.000 libras, e um milhão duzentas e noventa mil entravam no bolso dos accionistas, que encontravam o seu El-Dorado não nos terrenos do Transvaal, mas na Bolsa de Londres.

Ao mesmo tempo, o territorio até ali quasi deserto onde trabalhavam os mineiros, passava a ser uma região populosa, onde no espaço de um anno se erguiam cidades magnificas. Assim, n'um sitio onde em 1885 havia apenas algumas choças, eleva-se hoje uma cidade regular, com 4 a 5000 habitantes e 1500 predios, que se chama Barberton, porque lhe déram o primeiro impulso dois colonos, Hilton e Grey Barber. A actividade ingleza faz com que alli se encontrem já hoje uns poucos de hotéis, tres Bancos, duas Bolsas, duas salas de concerto, um theatro, um club e um restaurant magnifico, chamado o *Restaurant da ferradura*, que foi fundado por M. Jacob, e onde ha uma sala elegantissima, cheia de espelhos e de mobilia de polimento! A vida alli é carissima como em todas as regiões mineiras. Uma garrafa de champagne custa uma libra, uma garrafa de cerveja dez tostões, uma garrafa de agua de Seltz onze vintens. A farinha paga-se a tres libras e meia cada sacco, o toucinho a onze vintens o arratel, os ovos a quartinho e dezeseis tostões a duzia. O custo do transporte e os impostos do governo é que produzem sobretudo esta enorme carestia. Comtudo, diz o sr. Hilton que aquelle que se contente com o simples necessario pode viver muito razoavelmente, pagando 8 a 10 libras por mez. Para isso comtudo tem de viver n'uma tenda, ou de construir elle mesmo uma choça, e de comprar e cosinhar o seu sustento.

O anno passado houve um terrivel *Krack* no Cabo e em Londres, por causa dos loucos exaggeros que produzira a febre de ouro. Em março, o engenheiro Gardner Williams foi encarregado de visitar as minas; e deu a respeito d'ellas informações pouco agradaveis, mostrando que o seu rendimento não tinha comparação alguma com as sommas fabulosas que a especulação lhe attribuia. A publicação d'este relatorio foi de um effeito terrivel. As acções baixaram de um modo extraordinario, e houve perdas incriveis. Felizmente esse periodo desastroso passou, e como a riqueza das minas é ainda reconhecida como prodigiosa, apesar de não chegar á cotação impossivel e absurda que lhe fôra dada, o movimento mineiro retomou a sua carreira ascensional.

Para se ver a importancia enorme que deve adquirir o novo

caminho de ferro de Lourenço Marques, basta citarmos os seguintes factos: O caminho mais proximo para Barberton é pelo Natal. O viajante toma em Durban o caminho de ferro de Ladysmith—quer dizer, percorre assim uma distancia de 189 milhas. Parte de Ladysmith, e percorre em tres dias e meio um tracto de 285 milhas. Atravessa-se o Drakenberg, o valle do Kaap, que apresentam panoramas verdadeiramente admiraveis, e chega-se enfim a Barberton. Dahi pode seguir-se ainda para os terrenos auríferos de Witwatersrandt, que são os ultimos explorados. Ficam a 300 milhas de Barberton e a 35 milhas ao sul de Pretoria. É espantoso que ali se descobrisse ouro. Nada o indica. Quem o descobriu foi o sr. Struben, que é proprietario das circumvisinhanças de Pretoria. O que o guiou foram umas faxas de seixos, que se elevavam um pouco acima do solo. O conglomerato, conhecido pelo nome de *Mun Reef*, está sendo explorado por umas poucas de companhias, e diz-se que é o terreno aurifero mais rico que até agora se descobriu no Transvaal.

Alli se elevou tambem uma cidade, que é mais nova do que Barberton, porque a descoberta do ouro só se fez em abril de 1886, mas que a eguala em população e grandeza. Chama-se Johannesburg, tem os seus 1500 predios, 4 a 5000 habitantes, um hotel magnifico, um theatro onde representa uma companhia com as casas sempre cheias, um club, um mercado bem abastecido, onde se vendem mais barato do que em Barberton os objectos necessarios á vida, e um clima excellente e frio, graças á sua altitude de 6000 metros.

Como dissemos, porém, as vantagens do caminho de ferro de Lourenço Marques são verdadeiramente enormes, por uma razão muito simples. Hoje, para se ir da beiramar a Barberton, tem de se percorrer 189 milhas em caminho de ferro e 285 em diligencia. Tem de se gastar por conseguinte cinco ou seis dias na viagem. Com a abertura do caminho de Lourenço Marques, apenas o viajante tem de percorrer 60 milhas em caminho de ferro, 80 na diligencia, porque Barberton fica a 80 milhas da fronteira portugueza. Não se chegam a gastar dois dias na viagem. Os riquissimos terrenos de Witwatersrandt que estão hoje a 774 milhas do mar, com o caminho de ferro de Lourenço Marques ficam apenas a 440.

Junte-se a isto o que Jorge Nathan diz, melancolicamente no fim do seu livro:

«O viajante pode admirar com um *ohar de inveja* a bahia de Delagoa (Lourenço Marques), o unico porto de mar de Africa ao sul do Equador e a chave do rico Transvaal, e meditar sobre os erros da politica sul africana da Inglaterra... Pode ver com os seus olhos as promessas do futuro. O facto da existencia de minas de ouro no Transvaal é incontestavel, e é de receiar que não passe um anno sem que a Africa do Sul veja um d'estes lances de fortuna como o mundo ainda não viu.»

PINHEIRO CHAGAS.

A MOCIDADE PORTUGUEZA

II

Bocage abriu a porta á bohemia intelligente.

Referindo-se á mocidade portugueza da ultima geração, escreveu Julio Cesar Machado:

«Falla-se agora muito em typos:—Que typo! E' um typo!—Tu és typo!—Não se fallava d'isso então, e era então que elles existiam.»

E é verdade, a julgar pelas narrativas dos que ainda conservam memoria d'esse tempo aventureiro, em que o *Marrare de Polimento* era um baptismo, uma consagração. Entrar no *Marrare* era ter passaporte para viajar no paiz da bohemia, nas regiões da aventura, nos dominios do romance.

Os rapazes d'então eram uns estroinas, uns extravagantes, uns devassos, se quizerem, mas nenhum d'elles era um inutil. Todos elles tinham talento. Dos copos de cognac sahiam poemas. Da espuma do champagne brotavam discursos parlamentares. Entre uma bailarina e uma ceia, estava a gloria.

D. José de Lencastre, um escriptor, era primoroso, insigne com uma guitarra na mão. Depois do conde de Vimioso, ninguem sabia chorar um *fado* como elle. Punha na guitarra toda a sua alma de poeta. Quando elle a dedilhava ao luar, no Dafundo, o Tejo e as estrellas calavam-se para ouvi-lo, e as bailarinas não se atreviam a pedir mais champagne. Estavam embriagadas pela musica.

Antonio da Cunha Sotto-Maior, nosso ministro em Stocholmo, e agora esperado em Lisboa ao cabo de uma ausencia de longos annos, é por ventura o mais completo typo d'essa época. Escriptor, orador, elegante, bizarro—um principel!

«As suas maiores excentricidades, diz Julio Cesar Machado, foram exactamente o segredo da nomeada que elle alcançou. De uma occasião estava jogando o wist; caiu um pinto a um dos parceiros, homem extremamente rico: o sujeito tirou o candieiro de cima da meza, e poz-se a procurar o seu pinto.

—Que faz, meu caro? Perguntou-lhe Antonio da Cunha Quer deixar-nos ás escuras?!

—Caiu-me um pinto! respondeu o outro.

—Ab! E' escusado tirar-nos a luz; eu o alumio.

E' accendendo uma nota de quatro moedas fez com ella um archotinho para o ajudar a procurar o pinto...

—Veja se o achal disse.

N'um bello dia, para não augmentar a conta no K il, entendeu que seria bom regular a sua vida, e fazer aos credores uma pequena amabilidade—pagar-lhes; isso fez-se e foi-se embora para Dinamarca como nosso ministro: pagar-lhes e ficar, seria amabilidade grande de mais,—seria fazer conta nova. Era homem de bons dotes, de um gosto fino para algumas coisas, e sabendo applicar as suas raras faculdades, e concepções que apresentavam sempre um caracter de originalidade. Tinha muitas vezes a maneira do cavalheirismo antigo e heroico. Não deve esquecer o seu nome: como homem de talento não lhe ficou que desejar, brilhou no parlamento pela vivacidade, esplendor, e ousadia dos seus discursos, brilhou na moda como o primeiro janota do seu tempo,—no passeio publico o vi eu de uma vez com uma capa de casimira branca,—brilhou na imprensa como o unico folhetinista que pôde conseguir esse titulo no tempo de Lopes de Mendonça, e foi ainda brilhar na diplomacia, mercê do alcance das suas faculdades e dos recursos da sua feição elegante. Se a gloria é alguma coisa, podem os mais illustres do nosso tempo invejar-lhe a sorte. Por muitos annos, quando elle estava ainda em Lisboa, se ouviu dizer de vez em quando:

—O Antonio da Cunha é velho, não nos illudâmos. Já no anno de...

O seu elegante bigode branco continuava a ser tão moço como os rapazes d'esse tempo, bem mais moço que os rapazes d'agora. Esse bigode legendario era, como por graciosa malicia, mais alvejante que nenhum outro, mercê de um dos seus segredos de garridice: lavava o todos os dias com sumo de limão, para o tornar de uma alvura nitida e magnifica.

Davam os antigos uma foice ao tempo e estavam longe por certo de cuidar, apesar da allegoria, quanto esse ceifeiro cruel havia de devastar a Lisboa de hontem, fazendo desaparecer em poucos annos, e como que de repente, quantos brilharam n'ella na unica quadra elegante que ella teve...

A opinião publica era feita pelos *leões* do *Marrare*. A imprensa ia ali tomar um café ás dez horas da noite, meia hora depois um *cabaz*, e passada mais meia hora, outro. Os folhetins que d'ali saiam eram ardentes, crepitantes como o *punch*. Sentia-se n'elles —e apontarei para exemplo os de Lopes de Mendonça—a vida, a força, a espontaneidade das grandes alegrias.

A aventura tentava todos os espiritos. A politica d'esse tempo era a da revolução, de combate. Sampaio guerreava os Cabraes fazendo um jornal que ninguem sabia onde era escripto e impresso, e que apparecia no bolso de Antonio Bornardo sem se saber como fôra ali introduzido. Citam-se hoje com assombro os nihilistas, que pregam proclamações incendiarias nas costas dos proprios policias de S. Petersburgo. Não era menor façanha a que se dava com esse jornal revolucionario, de que muitos se serviram para aggreir o velho Sampaio, mas que, para nós, caracteriza a mais completa individualidade jornalística que tem havido em Portugal.

Um homem assombrava por esse tempo Lisboa inteira pelos seus prodigios de força e de atrevimento. Era Sant'Anna e Vasconcellos, que morreu ha pouco tempo visconde das Nogueiras. Quando lhe parecia, fazia despovoar os botequins.

—Saíam os senhores, que eu quero tomar café sosinho, dizia.

E sabia tudo.

Sampaio, o jornalista da revolução, encontrou-se um dia no campo da honra com este Hercules do *high-life*. Confirmou pelos seus actos a coragem das suas palavras. Bateram-se bravamente.

Um dos elegantes d'esse tempo entrou um dia n'um café do Rocio, levando na mão apenas uma chibata.

Quatro rapazotes bebiam a uma meza, e, quando o ouviram pedir capilé, sorriram-se de desdem.

—Olá, diz o *leão*, traga mais quatro capilés.

Fez-se um profundo silencio no grupo dos rapazotes.

Vieram os cinco capilés.

Elle, o da aventura, aproxima-se da meza e diz serenamente

—Queira cada um dos meninos beber o seu capilé.

Todos beberam.

Elle pagou, e saiu.

Na bohemia d'esse tempo, a pobreza era a alegria.

Havia um grupo de rapazes, que estão hoje de cabellos brancos, e que frequentavam as escolas superiores. Viviam n'uma mansarda da rua da Procissão, e, como não tivessem espelho para pentear-se, conseguiram que uma costureirita do predio fron-

teiro trouxesse o seu espelho para a janella, quando elles a chamavam batendo as palmas.

E qualquer d'elles, remirando-se do outro lado da rua, dizia para a visinha:

—O' Camillinha, levante mais o espelho, que não vejo bem.

—Muito obrigado, Camillinha, até amanhã.

Viveram n'essa casa dez ou doze annos, e não pagaram nunca a renda. O senhorio perdeu o amor á agua-furtada, e permitiu que os inquietos justificassem a palavra...

D'esta bohemia em que viveu a mocidade da ultima geração, saíram os ministros de hoje, os deputados de hontem, os grandes oradores parlamentares, os eruditos, os professores, o que ainda ha abi de melhor...

Disputavam-se o mesmo premio nas aulas, a mesma bailarina, a mesma gloria, e todavia ficaram sendo amigos, amigos para toda a vida e para todas as posições sociaes. Hoje vemos os velhos, cansados, tratando-se por tu, n'um doce tom amigavel, remembering as façanhas uns dos outros, fazendo ainda refflorir ao calor da saudade essas antigas ligações de amizade perduravel.

Ab! que profunda differença entre o hoje e o hontem!

Illustres bohemios d'esse tempo extremamente sympathico, quando o ultimo de vós morrer, a alegria portugueza partirá n'um dos angulos da pedra sepulchral o seu copo de champagne, a taça das antigas ceias. Fará como o rei de Thule, para que ninguem mais a profane...

III

Somos chegados á ultima parte d'estes ligeiros artigos a respeito da mocidade portugueza;— á ultima, que é seguramente a mais espinhosa, e se certo rifão portuguez não fôra demasiadamente plebeu, viria aqui a talho de foice.

Mas, emfim, por que não havemos de dizer a verdade toda, nua e crua? Tratamos apenas da collectividade, não nos dirigimos individualmente a ninguem. Não citaremos nomes. Podemos, pois, fallar com desafogo.

A mocidade portugueza está chegada a uma decadencia deploravel.

Na alta sociedade, a indifferença predomina. De vez em quando, uma toirada em Lisboa ou no Ribatejo; uns domingos por outros, corridas de saltos no hyppodromo de Belem, mais nada. Os vinte annos elegantes narcotizam-se encostados ás *montres* do chiado, n'uma somnolencia *accablante*. Se a mocidade doirada desperta alguma vez, não é para ir fazer uma longa viagem,—uma d'essas longas viagens que valem bem por um bom curso scientifico,—é unicamente para dar batalha em S. Carlos contra um tenor decadente ou uma prima-dona *fanée*.

Os grandes typos da bohemia elegante desapareceram, e parece que para todo o sempre. O marquez de Niza passou a se apenas uma lenda antiga; no folhetim das suas aventuras, já tempo raspolu esta phrase promettedora: *La suite au prochain numero*.

Dos cursos superiores ainda ás vezes saíem uns rapazes de animo resolute, emprehendedores, activos, energicos. Esses taes, como Serpa Pinto, Roberto Ivens e Brito Capello, preferem os incommodos de uma aventura scientifica á somnolencia enervadora do *Suisso*, do *Martinho*, da *Havaneza*, e de qualquer loja da baixa.

Por excepção, estes rapazes retrocederam para progredir; isto é, parece pertencerem ainda áquellas gerações antigas de viajantes sabios e moços, dos quaes Anquetil Duperron herdou o espirito arrojado e o amor á sciencia, que o levaram até ir procurar na India as bases do orientalismo.

Mas, sem vislumbre de offensa para qualquer dos tres illustres exploradores, foi ainda um homem da ultima geração, foi ainda um dos celebres de ha trinta annos aquelle de quem receberam a protecção official, e talvez o impulso, para realisarem a missão scientifica que tão gloriosamente levaram a cabo. Quem foi o *pae da exploração*? O sr. Morier o disse: João de Andrade Corvo,—hoje, um erudito; hontem, um frequentador do *Marrare de Polimento*.

O fogo que lavra nas ultimas cinzas do passado chega ainda para aquecer de vez em quando a mocidade portugueza contemporanea.

Quem tem a culpa d'esta grande decadencia actual? As causas parecem-nos complexas. Sem embargo, diremos francamente que n'este inventario de responsabilidades cabe por certo aos governos abundante partilha. A falta de uma organização séria e sabia da instrucção nacional, é certamente uma das causas d'esta atrophía, d'esta deploravel decadencia. Das aulas de instrucção secundaria sae-se apenas com uma ligeira camada de sciencia, qua póde ter um certo effeito n'um camarote de S. Carlos ou n'um baile do Club, mas que não dá por modo algum a comprehensão do verdadeiro caracter das sciencias, da sua util applicação, nem o entusiasmo pelos grandes committimentos scientificos. Estuda-se apenas theoreticamente, á pressa, unicamente para *passar no fim do anno*. Convicções duradoiras, colhidas na pratica, na prova



DUQUEZA DE PALMELLA

experimental da sciencia, nenhuma. De toda a pomposa bagagem das escolas ficam apenas subsistindo dois ou tres idiomas, principalmente um, o francez, alimentado pela leitura, maior ou menor, de romances modernos, que constituem entre nós a polvora dos combates galantes de salão.

Rapazes de doze annos fazem exame de francez primeiro que do curso completo de portuguez. Porque? Porque a organização official dos estudos lhes permite essa liberdade, e porque as suas familias teem pressa de fazer d'elles *homens*, isto é, candidatos a empregos publicos, sabendo procurar no Roquette os vocabulos francezes que não teem na memoria... Triste, deploravel sociedade aquella onde todo o ideal da instrucção está posto na lingua franceza, cuja importancia aliás reconhecemos!!

Com estes elementos se ha de fazer a sociedade de amanhã; é facil prophetisar que ainda será peor que a d'hoje.

Resta-nos fallar d'aquelle grupo da mocidade actual em que estão collocados os *homens de letras*. Pois bem A este respeito arranquemos com a devida venia algumas phrases de um folhetim verdadeiramente notavel da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho a respeito da princesa Rattazzi:

«—Que me diz você a respeito do jornalista C...?»

E o sr. H..., encantado pelo ensejo que lhe forneciam, desfiava todo o sudario de verdades e de mentiras, de calumnias, de miserias reaes, de ridiculos e de defeitos, que pela sua estreita convivencia de vinte annos tinha logrado entesourar a respeito do jornalista C...

Interrompia se apenas quando *elle*, o martyr, o proprio, o que d'ora assumpto aquella animada palestra de duas horas, apparecia na sala conduzido por uma *soubrette* de Molière, mais maliciosa e menos surda do que a ama.

O romancista H... retirava no emtanto, confundido e por ventura atormentado de remorsos intimos.

Oh! diabo, dizia o romancista H... descendo as escadas do hotel, para que diria eu tanto mal do meu bom amigo C...? Que pecha esta minha de repetir tudo quanto sei! Quiz ter espirito, é o que foi! Percebi que estava com muita graça; a princeza é um pouco dura de ouvido, mas apesar d'isso ria como uma perdida!.. Tambem, que diacho!... uma mulher de letras, uma mulher parisiense pela educação, é preciso que veja que ha por cá quem tenha *verve e entrain!* Embora! nunca me perdoarei de ter sido tão severo para o meu querido amigo, o jornalista C...

Ah! romancista H... romancista H...; se tu tivesses como Santo Antonio o dom da ubiquidade, se ao passo que vaes subindo tão cheio de arrependimentos lancinantes a rua do Chiado, pudessem tambem escutar o que a esta hora o jornalista C... está revelando á boa da princeza a respeito do seu amigo velho o romancista H... com certeza que um unico arrependimento ficaria no teu animo atribulado.

E sabes tu qual era, infeliz?

O de não teres sido ainda mais implacavel, ainda mais cruel, ainda mais viperino, ainda mais mentiroso!

Eis a verdade, a triste, a deploravel verdade!

Depois de tudo isto, só nos resta pedir ao sr. Hauteville que mande expôr na sua *montre* da rua do Ouro um grupo photographado dos rapazes de ha trinta annos, a fim de que o indigena possa parar deante da vidraça e dizer: *Ali jaz a mocidade portugueza.*

ALBERTO PIMENTEL.

AS RAINHAS

A imperatriz Victoria (da Allemanha)

A actualidade pertence ás rainhas. Nunca, em nenhuma outra epocha, houve tantas princezas, duplamente coroadas pela jerarchia e pela intelligencia.

«Morrámos pelo nosso rei Maria Thereza!» gritava outr'ora a Austria.

«Admiremos os nossos poetas, os nossos politicos, os nossos heroes, os nossos benemeritos, personificados na rainha da Roumania, na regente de Hespanha, na imperatriz da Allemanha, na rainha de Portugal!» poderemos dizer hoje.

Que magnifico espectáculo nos offerece este fim de seculo!... Saudemos, successivamente, a rainha da Hollanda, a erudita amiga de Thiers; Carmen Sylvia, a inspirada poetisa; a princeza Clementina, heroica mãe do principe da Bulgaria; e mais longe, nas frias e poeticas regiões do Norte, essa fecunda rainha da Dinamarca, mãe da tzarina, da futura rainha de Inglaterra e do rei da Grecia. Em um preterito cuja memoria está ainda recente, a duquesa d'Aosta, a sublime companheira de Amadeu, rei de Hespanha; nos dois paizes do sol e das flores, a rainha Maria Pia, a

idealisação da caridade, e a rainha Maria Christina, a divinisação do amor maternal, e por ultimo, a imperatriz Victoria, soberana da Allemanha pela dominadora influencia da sua energia e da sua vontade.

Noute e dia, a princeza velou á cabeceira de seu marido, disputando o throno e a vida do querido enfermo ás garras da politica facciosa e da morte eminente.

Qual será a sua desforra contra o Chancellor? Dil-o-ha o futuro.

Esboçemos a silhoeta da imperatriz.

Berlim, antes mesmo da sua chegada, não lhe era affeçoado.

A nacionalidade allemã é de uma intransigencia feroz. Berlim via com maus olhos essa princeza ingleza, filha do affectuoso e encantador principe Alberto, simples funcionario palaciano em uma côrte autoritaria e ciosa dos seus privilegios. Designado e pago pela Inglaterra para collaborar com a rainha na tarefa de procrearem ambos uma numerosa prole, o principe fôra ao mesmo tempo relegado para a terceira cathegoria de personagens, subordinada á primeira e segunda, que formavam o brilhante sequito da graciosa soberana.

A princeza nasceu e educou-se ao lado de sua mãe, n'essa côrte onde a rainha exercia o poder, quasi autocratico, dominando tudo e todos. Inconscientemente, a princeza habituou-se a governar, a ter o verbo auctoritario, gesto decidido, em harmonia com o meio em que se desenvolvera.

Vira seu pae assentar-se em plano inferior ao do throno de sua esposa, sabia que o principe não existia, que o marido da rainha era um ente nullo.

O seu proprio casamento fôra acolhido com certo desdem. A princeza desposara um filho mais novo dos Hohenzollern; os primeiros mezes da sua união ressentiram-se do seu desdem pelo homem.

Ao mesmo tempo, a filha da rainha Victoria passava, sem transição, para uma côrte opposta áquella na qual vivera, tendo por base fundamental a religião; sem ser livre pensadora, a recém casada estava longe de ser devota.

Um homem empunhava as redeas do governo: Bismarck, seu inimigo e seu adversario, logo desde os primeiros dias.

A princeza não tinha a menor ingerencia nos negocios publicos; nem mesmo se davam ao trabalho de perguntar a sua opinião.

A rainha da Prussia curvava-se ante o chancellor de ferro, não ousando affrontar aquelle que, inflexivel nos seus rancores, deveria mais tarde, prostrando o conde d'Arnim, recordar á imperatriz da Allemanha a submissão da rainha da Prussia.

A princeza Victoria possuia uma instrucção variada e solida, e uma imaginação avida de tudo investigar. Carteava-se frequentemente com o doutor Strauss; tinha idéas e exprimia-as livremente, sem periphrases. Tanto bastou para que a hostilidade se declarasse. Os epigrammas, a principio inoffensivos, tornaram-se mais vehementes. A princeza escarnecia a morosidade germanica; os allemães vingavam-se, mettendo a ridiculo a sua predilecção pelas artes, os seus quadros, a sua esculptura, a sua musica. Chamam-lhe a *Ingleza*, palavra que teve primeiro a significação de *destrangeira*, para se tornar depois em synonymo de *inimiga*.

O partido, denominado da côrte, declarou-lhe uma guerra surda. A recémchegada não tardou a ficar isolada no meio de uma côrte hostil. Não contava nem um só auxiliar, nem mesmo um benevolente; restava-lhe apenas, como unico apoio, o braço de seu marido.

A differença era enorme; e a antithese foi dolorosa entre os habitos da menina e a vida nova da mulher.

Essa antithese define tudo, a sua attitude reservada e melancolica, altiva e inflexivel, a violencia das accusações formuladas contra o seu nome, as implacaveis antipathias, as injustiças, a impopularidade, emfim, ligadas á pessoa da soberba Ingleza, que nunca se dignou reagir contra o que, secretamente, a fazia soffrer.

Não a tinham comprehendido.

A princeza concentrou-se, absorveu-se mais nos seus queridos estudos, cultivou todas as artes com equal exito, e fez-se, sob todos os pontos de vista, uma mulher superior.

Dia a dia emplumava a sua florente intelligencia, afinava-se o seu delicado gosto, apurava-se o seu lucido criterio.

E ao mesmo tempo e pelo mesmo theor, augmentava a sua impopularidade.

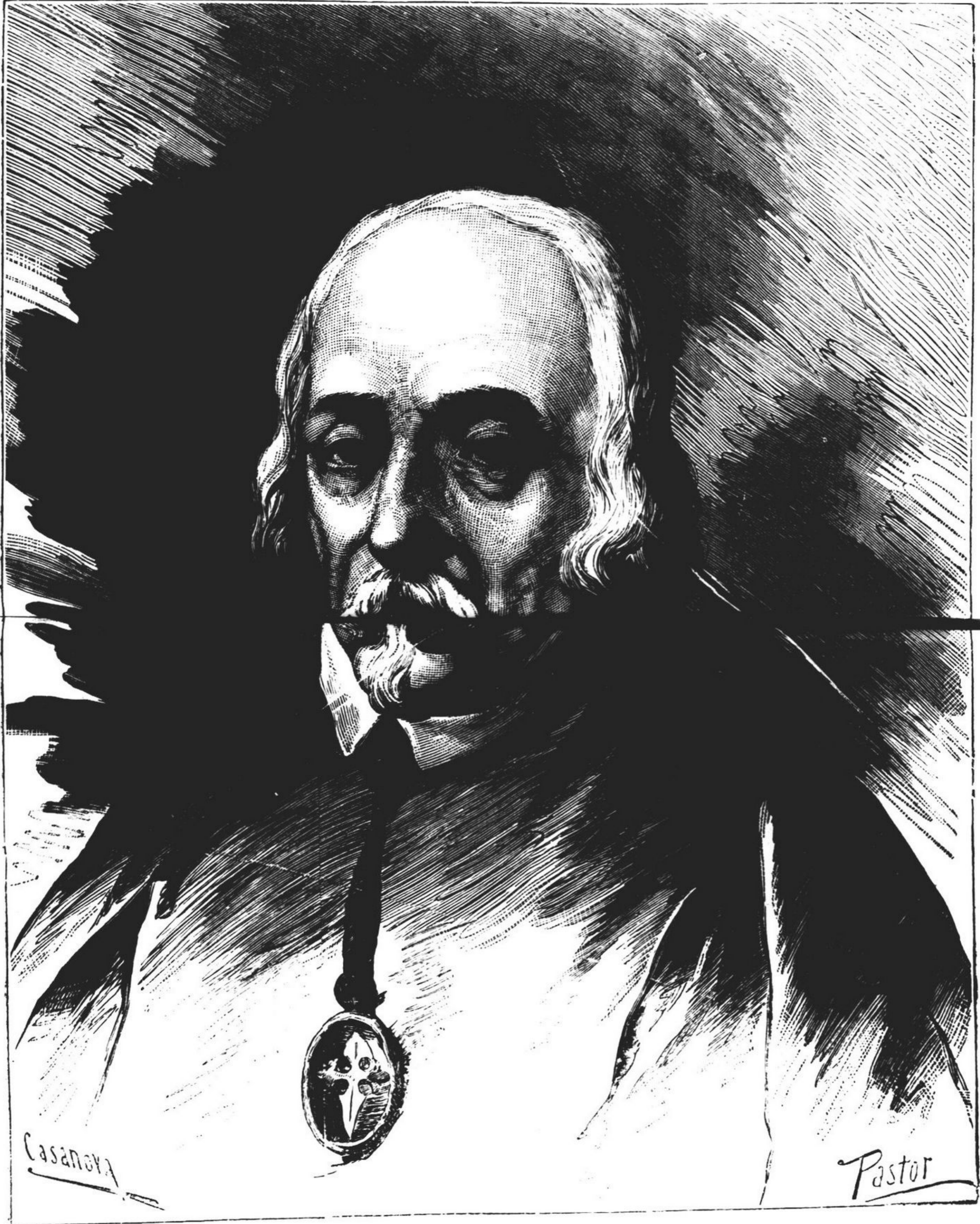
Entre a princeza e o povo allemão, cavava-se um abysmo.

Ella não queria conquistá-lo; elle não queria ser conquistado.

Restava-lhe uma desforra, uma represalia brilhante, que affirmou mais uma vez o vigor do seu caracter, a logica do seu espirito, a firmeza e profundidade do seu raciocinio.

Dissemos que não obstante o amor que lhe inspirara o principe teutonico, nem por isso deixaram de ser cruéis os primeiros mezes do casamento.

O kronprinz, aquilatando embora os transcendentos dotes de sua esposa, não perdoara a altivez do seu caracter e o desdem instinctivo pelo homem, que transluzia atravez das effusões do noivado; essa decepção fez do apaixonado noivo um vulgar infiel. As aventuras amorosas vieram ao encontro do bello e amavel principe e arrastaram-o mais longe do que elle desejava ir, sem lhe procurarem os attractivos que pareciam encerrar.



CALDERON DE LA BARCA

A princeza britannica, austera como uma puritana, insurgiu-se contra a traição do esposo.

A tempestade desencadeou-se, obscurecendo o seu *at home*. De subito, soube-se que o principe herdeiro amava mais do que nunca sua mulher, que esta assumira sobre o seu coração um imperio absoluto, que o kronprinz afugentara da sua vida, irrevogavelmente, lealmente, definitivamente, todos os affectos estranhos á paixão que o reconquistára.

Foi essa a vingança de Victoria, a unica que a princeza julgou digna de si, a unica força que empregou, e que a aproximou do ulcerado coração de sua sogra.

Ha vinte e cinco annos que Fritz se acha sob o encanto de sua mulher, ha vinte e cinco annos que o kronprinz vive exclusivamente da adoração que ella lhe inspira.

A princeza tem sido a amiga, a conselheira, a orientadora de marido; defendeu-o, auxiliou-o em tudo e sempre.

Mediu todo o alcance do seu dever, accetando uma tarefa esmagadora, e sabendo desempenhal-a.

As antipathias, as prevenções cessarão hoje, em presença da admiravel e digna mulher, credora de todas as homenagens. Os allemães comprehenderão que lhe devem a existencia do mais amado e popular de todos os principes. E ninguem deixará de venerar a sua coragem, a sua força de character, a sua piedosa abstenção.

Fritz teria morrido ha muito tempo, se entre o doente e a morte não surgisse essa valente e heroica mulher.

Mas os odios intermediarios, as guerras irreconciliaveis, separam os reis dos povos. A nova imperatriz sabe-o. Conseguirá ella acalmal-os? Quem sabe mesmo se o chanceller não será um dia o primeiro admirador d'essa mulher, modelo de esposas e de mães, verdadeira ingleza, que manteve o juramento prestado aos pés do altar, de ser para seu marido a fiel e corajosa companheira, tanto na adversidade como na ventura.

Essa heroína soube mostrar á Europa o que podem o coração, a energia, a vontade da mulher. E ante o sopro demolidor que sacode os thronos, comparamos os principes feridos, pela demencia ou pela morte, a Belisarios, de quem Deus se apiedou, dando-lhes em suas mães e esposas, Antigonas incomparaveis, que ficarão sendo a gloria e a legenda d'este seculo

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. LUIZ CARLOS DA COSTA

N'essa pleiade de rapazes dotados de grande talento e sabidos ha pouco dos bancos da Universidade de Coimbra, onde deixaram vinculados os seus nomes illustres pelo trabalho e applicação, conta-se o sr. D. Luiz Carlos da Costa de Sousa de Macedo, um sympathico moço de vasta intelligencia e fina educação.

Pertencente a uma familia das mais antigas na aristocracia portugueza, tem sabido manter as tradições gloriosas dos seus antepassados, distinctos por nascimento e illustres por tantos feitos heroicos que formam paginas brilhantes da nossa historia patria.

O sr. D. Luiz Carlos da Costa, nasceu a 11 de fevereiro de 1862; é filho do distincto escriptor, o sr. conde de Villa Franca. D. Pedro da Costa, auctor da excellente obra historica, *D. João I ou a alliança ingleza* e de varios outros trabalhos de reconhecido merito.

De seu pae herdou não só o talento, como tambem o amor pelo estudo e os dotes de esmerada educação que o tornam creador das sympathias geraes.

Entrou para a Universidade de Coimbra, onde se formou na faculdade de direito, sendo sempre considerado um academico distincto.

Regressando a Lisboa, abriu banca de advogado, defendendo algumas causas crimes com elevada intelligencia. Mezes depois foi ao concurso para os logares de consul, obtendo uma das primeiras classificações, e sendo por isso despachado para Cadiz, logar que se achava vago pela reforma do sr. João Damaso de Moraes.

N'aquella cidade hespanhola se encontra hoje o sympathico moço, honrando o nosso paiz.

Limita-se por emquanto a isto a sua biographia, mas estamos seguros de que, dentro em poucos annos, avultarão n'ella muitos outros traços notaveis e salientes.

DUQUEZA DE PALMELLA

Honra hoje as paginas d'este semanario o retrato de uma das mais distinctas e illustres damas portuguezas, que, pelo seu no-

bre nascimento, elevados dotes de coração e educação finissima, tem tornado o seu nome conhecido e respeitado em Portugal e no estrangeiro, onde as suas nobilissimas qualidades, delicadissimo gosto e notavel talento artistico são justamente admirados.

O nome da sr.^a duqueza de Palmella conquistou não ha muito tempo, nos dominios da Arte, uma brilhante reputação. Paris consagrou-lhe o merecimento artistico n'uma sincera manifestação de entusiasmo, e a imprensa da grande capital foi unanime em applaudir o *verdictum* do jury das recompensas do *Salon*, onde o *Diogenes*, um esplendido trabalho da sr.^a duqueza, obteve um exito colossal.

Para muitos dos seus compatriotas esta revelação do talento artistico da illustre dama, representante de um dos nomes mais gloriosos do seu paiz, foi uma grande e agradável surpresa. Ninguem esperava que a illustre fidalga, vivendo n'um meio tão avesso ás penosas fadigas do estudo, tivesse pela Arte tamanha dedicação. Ninguem suppunha que a sr.^a duqueza consagrasse as suas vigalias a obras de grande folego, que lhe deram ao mundo da Arte um nome verdadeiramente distincto e lhe mereceram a mais honrosa recompensa no primeiro certamen artistico dos povos civilizados.

Hoje, a sr.^a duqueza de Palmella não é apenas a amadora distincta, cujos trabalhos, conhecidos de alguns privilegiados, lhe grangeavam já, n'esse pequeno circulo selecto, os mais calorosos applausos. Hoje, é uma artista distincta, cujas obras honram este paiz. O exito obtido pelo seu valioso trabalho, deu-lhe novo realce ao nome glorioso.

Além do *Diogenes*, que o jury do *Salon* recompensou devidamente, a sr.^a duqueza expoz no grande certamen uma *Varina*, que obteve tambem um excellento acolhimento.

Sua excellencia tem actualmente em via de execução umas poucas de obras.

CALDERON DE LA BARCA

Pedro Calderon de la Barca, celebre auctor dramático hespanhol, nasceu em 1600 e morreu em 1687.

Entrou no serviço militar e fez as campanhas de Italia e dos Paizes Baixos.

Arrastado pela sua paixão dominante para o theatro, compoz certas peças que lhe grangearam uma reputação enorme; tal foi essa reputação, que Philippe IV chamou-o á corte, agraciou-o com a ordem de Santhiago e nomeou-o director dos espectaculos e dos divertimentos publicos.

Calderon era de uma fecundidade espantosa; compoz não menos de 1:500 obras theatraes.

Em 1652 foi feito conego de Toledo e introduziu na scena hespanhola dramas semelhantes aos *Mysterios e moralidades* francezas da idade media.

Nas suas producções encontra-se a confusão e o desprezo de todas as regras scenicas que eram muito admiradas no seu tempo.

Tinha comtudo uma imaginação brilhante, e eleva-se, ás vezes, nas suas tragedias, á altura de Shakespeare.

São muito apreciadas as suas comedias.

Cita-se, entre as obras mais notaveis de Calderon, *Heraclius*, que os hespanhoes chamam a *Famosa comedia*, e que preferem ao *Heraclius* de Corneille.

REAL ACADEMIA DAS BELLAS ARTES, EM MUNICH

A Baviera é um dos primeiros estados da Allemanha, embora independente e regendo-se por leis suas, segundo um codigo constitucional outorgado pelo rei Maximiliano José em 1818.

A capital d'este reino é Munich, cidade com 167:000 almas e de grande industria, artes e commercio.

A instrucção publica está muito desenvolvida na Baviera e aquella nação pode considerar-se como das mais illustradas do mundo.

Tem tres universidades, a de Erlangen, a de Wurtzburgo e a de Munich, onde ha tambem uma bibliotheca com cerca de 400.000 volumes e 16:500 manuscriptos; e uma grandiosa Academia de Bellas Artes, como se pode ver da estampa que hoje damos.

A magnificencia do edificio corresponde a largueza do ensino, onde não faltam todos os elementos para bem estudar e aprender as differentes disciplinas em que se divide a arte de desenhar manifestada pela pintura, pela esculptura, pela architectura, pela gravura e finalmente pelas mil industrias exercidas pelo homem e que tem por base os conhecimentos do desenho como meio indispensavel do seu desenvolvimento.

O VALLE DE MEDJERDACH (TUNIS)

A gravura que damos hoje representa o valle de Medjerdach e as margens ferteis e pittorescas do rio que lhe fica proximo.

Este valle começa na provincia de Constantino (Argel) e vem terminar na Tunésia, perto de Tunis.

As margens do rio são, em quasi toda a sua extensão, guardadas de palmeiras e bananeiras.

A figueira da Barbaria e os loendros com as suas ramagens verdejantes, completam-lhe os adornos da mais opulenta vegetação.

MONTEBELLO

Montebello é uma aldeia de Italia, na provincia de Pavia. A sua população é de 1:824 habitantes.

Esta povoação é celebre por duas victorias ali ganhas pelos francezes, a primeira em 1800 e a segunda em 1859, no tempo de Napoleão III. A ultima d'estas victorias serve de assumpto a nossa estampa.

EM FAMILIA

(PASSATEMIOS)

Charadas

Prima ou segunda trocada
Por vogal ou invogal,
E' nota bastante usada
Não em papel ou metal.—1

Segunda ou prima trocada,
Por vogal ou invogal,
Nota da bastante usada,
Lá no mundo musical.—1

Temos ainda a terceira,
Tambem nota musical
Se fôr trocada a primeira
Por lettra, mas não vogal.—1.

Desfiando esta meada,
Com boa arte e pericia,
Vê-se que tem nomeada
O todo:—princeza Egypcia.

Vizel.

PEQUENO ANTONINHO.

—Para mim é
Ponto de fé
Que villa tem;
—E facilmente
Lá no Oriente
Vê muito bem.

—Agora, certo
Rio vé perto,
Bem claramente;
—E eu a prever
'stou, que hade ser
Mui transparente.

—Temos, emfim,
Quasi no fim
Preposição;
—Lettra (papal)
Tem afinal
Em conclusão.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADAS TELEGRAMMAS (Em acrostico)

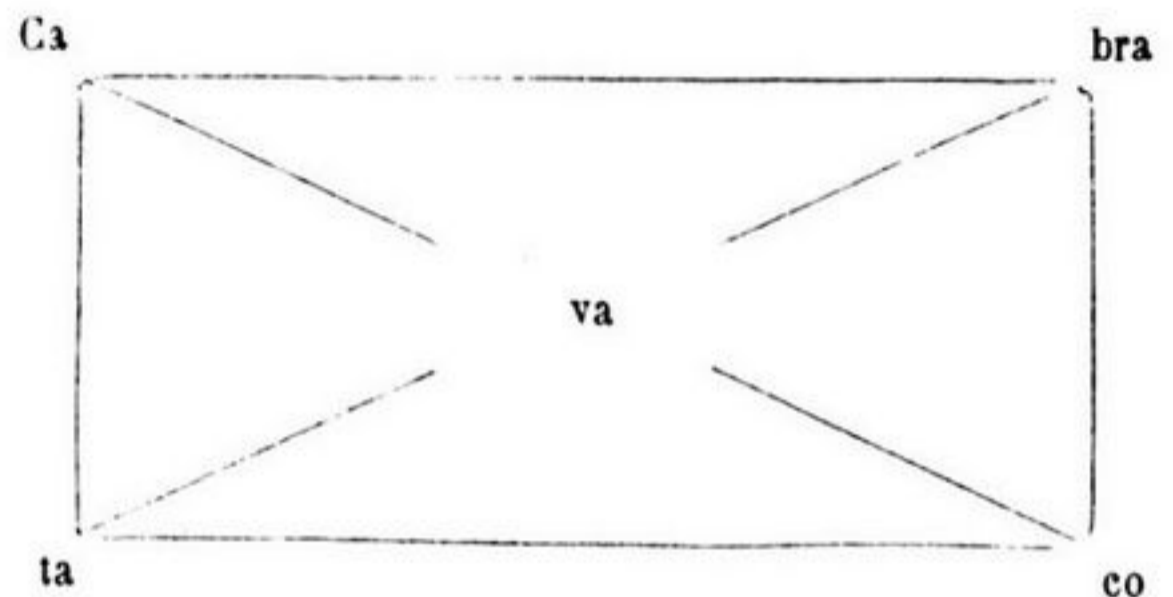
■ bero é bordão? 1 1 1
● iboso é pedra? 1 1 1
▲ amoro é repudio? 1 1 1
▼ mago é osso? 1 1 1
○ orréa é peixe? 1 1 1
□ roso é vaso? 1 1 1
▷ rmada é socegada? 1 1 1

Monsão

J. AQUIM AUGUSTO CORREA.

Decifrações

DA CHARADA:



DO ENIGMA:—Margarida.

UM CONSELHO POR SEMANA

A gomme arabica, utilisada na industria de tantas maneiras diversas, acaba de ter mais um novo emprego.

Fazendo passar gaz sulphuroso sobre gomme arabica dissolvida em agua, obtem-se um liquido branco, que póde ser utilizado com muito bom exito no preparo de tecidos delicados de seda ou outros estofos de preço.

A RIR

E' exquisito, dizia hontem um nosso amigo, que tem a desgraça de ser muito calvo; meu irmão tinha uma quantidade enorme de cabello e conservou-o até á morte!

—Morreu muito velho?

—Aos sete annos!

O commendador Anastacio atravessa a Avenida.

Um pobre, estropiado das pernas, arrasta-se vagarosamente para elle, a pedir-lhe esmola.

Anastacio não lhe dá nem cinco réis, mas diz-lhe n'um tom de profunda commiserção:

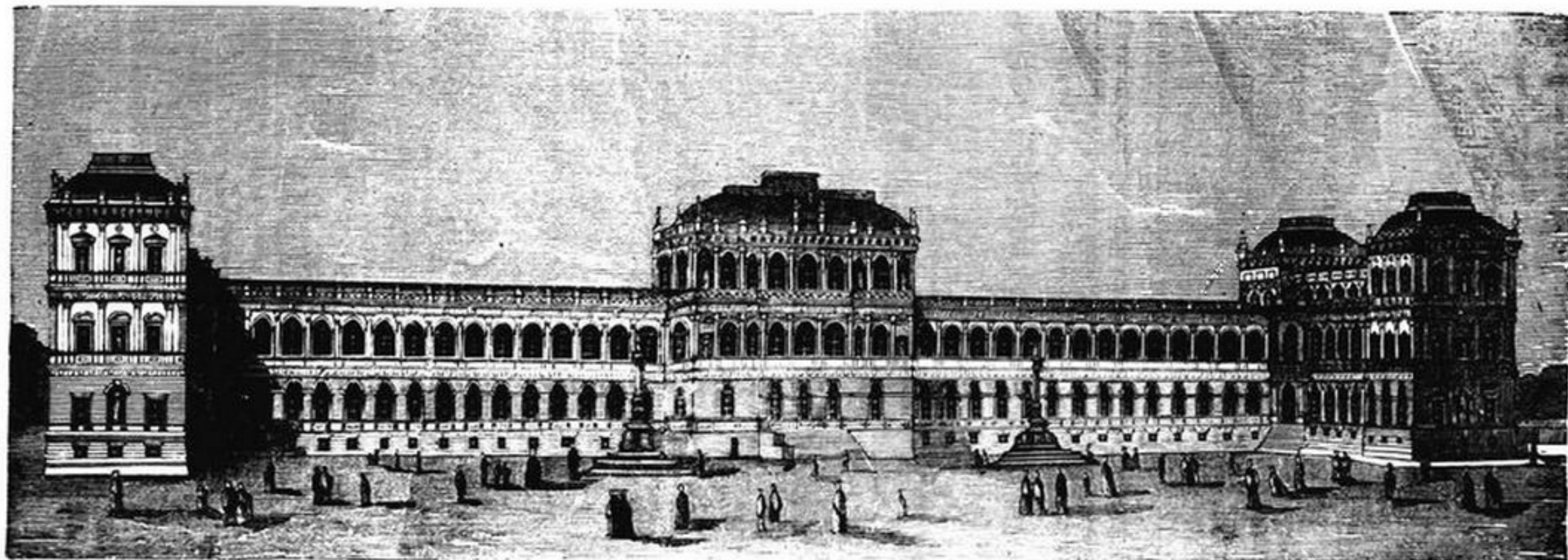
—Coitado! Você não deve andar assim pela rua, que lhe faz mal. Quando quizer sair, saia de carruagem, homem de Deus!

—Quantos são os sacramentos da igreja? pergunta a mãe a um filhinho.

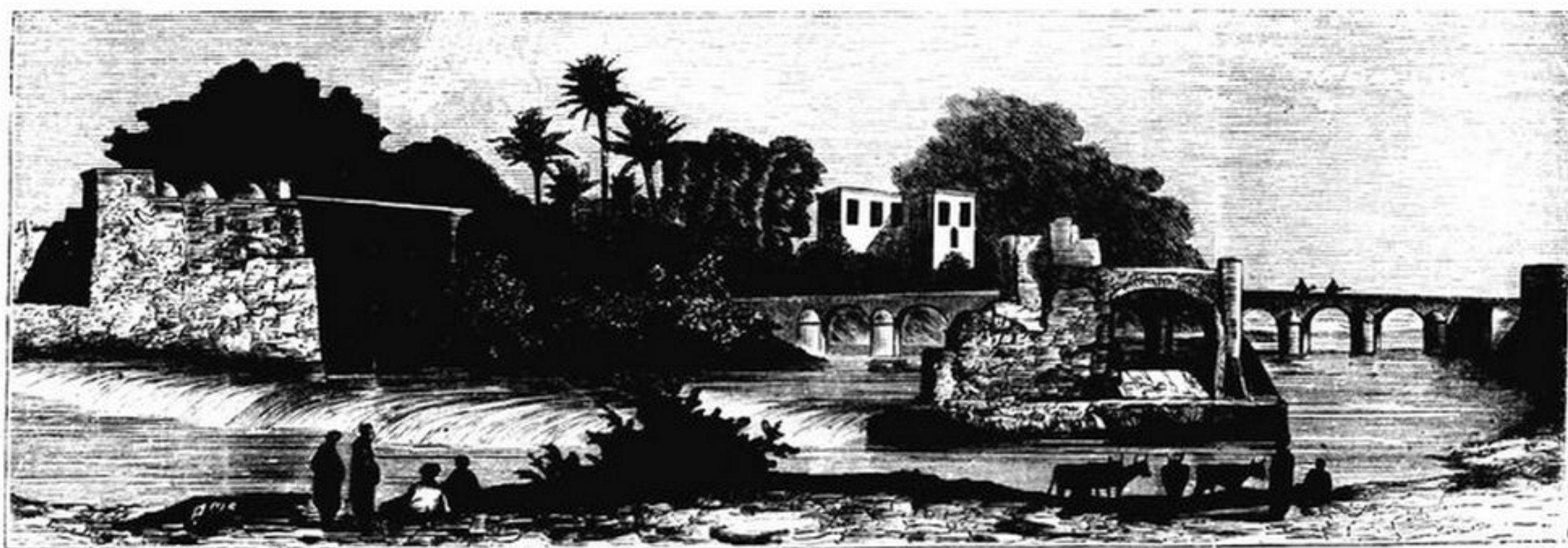
—Já não ha, respondeu o bebé. Os ultimos disse-me a Maria que tinham sido dados hontem ao visinho das aguas-furtadas

Pensamento de uma peccadora:

—O que o homem tem de melhor é o porle mounaie.



RE' L. ACADEMIA DAS BELLAS ARTES, EM MUNICH



VALLE LE MEDJERDACH (TUNIS)

O CORO DOS ANJOS

(Conto, por D. PEDRO DE ALARCON)

(Tradução de A. Galli.)

Os filhos de Adão e Eva

No primeiro dia procurei Casimira no baile da embaixada ingleza.

Estava só, como de costume, occulta quasi em um gabinete, desejando retirar-se e esperando que a sua formosa prima acabasse de dançar, para ir dizer-lhe: «vamo-nos.»

Ninguém a tinha fixado durante toda a noite! Ninguém a tinha convidado para dançar! Ninguém lhe havia dito:—que bellos olhos negros!

Sentei-me ao seu lado, affectando não reparar n'ella; e depois de um prolongado bocejão, exclamei, como se estivesse só:

—Jesus, que insipidez!

—E logo, voltando-me para ella como se a visse n'aquelle instante, murmurei:

—Ahl V. ex.^a estava ahí? Perdoo a minha exclamação... Porém, é certo, passo um inverno de soberano aborrecimento nos bailes.

—Admiro-me do que me diz, pois vejo-o dançar, rir e coquetear com todas!...

—E' isso mesmo, com todas; o que equivale a dizer: com nenhuma. Que raparigas tão tolas e tão presumidas são as de agora! Desde que está em moda a educação ingleza, não ha nenhuma capaz de sentir o verdadeiro amor.

Casimira sorriu-se philosophicamente, como quem diz: Deus é justo!

Fallei em seguida do estado da atmospheria e para justificar a minha extravagancia de permanecer a seu lado, afim de a não almar, queixei-me de cansaço e de dores de cabeça.

—Passou então pelo gabinete uma mulher formosissima.

Elogiei lhe o penteado, mas disse que a achava vaidosa.

—Tem muitos admiradores, respondeu Casimira.

—Não gosto d'ella; a sua formosura não falla ao coração.

Logo depois passou outra belleza das mais afamadas, e censurei o seu character, acrescentando que faria desgraçado o homem que se casasse com ella. Por ultimo, fallei em retirar-me do mundo e em dedicar-me á astronomia.

Aqui, dissertamos sobre a brevidade da juventude e sobre a instabilidade dos affectos baseados no amor proprio.

Casimira fez um gesto, que queria dizer: Teem olhos e não veem!

Levantei-me então e disse com hypocrita lhanesa:—Alegrome de ter deixado o salão de baile. A conversação de v. ex.^a encantame. Seduz-me o seu espirito.

Era a unica coisa que eu podia elogiar lhe impunemente.

Casimira levantou os olhos ao céu, como quem diz: Deus meu, porque me não deste, em vez de tanto espirito, uma pouca de formosura?

No dia seguinte soube por sua prima que ella tinha fallado no meu bom senso, dote que não julgava possuir. A' noite fui comprimental a ao theatro e participei-lhe que me havia zangado com a baroneza; que me ausentava de Madrid e que odiava as mulheres.

Isto era offerer lhe alguma probabilidade, apesar de que ella tudo parece, menos uma mulher.

Qualifiquei de bonita a sua *toilette*, e perguntei-lhe a casa onde o tinha comprado, acrescentando que tencionára offerer uma igual a minha irmã Margarida.

N'esta segunda sessão acreditei-me sinceramente no animo de Casimira.

Da conversação do terceiro dia, que teve logar na *soirée* de madame Ortiz, ficou na sua memoria a seguinte phrase, cuja diabolica efficacia vocês reconhecerão:

—Tem uma cabeça muito artistica!

Todos hão de ter observado que, desde que se inventaram as cabeças artisticas, já as mulheres feias teem um recurso a offerer aos seus amantes para quando elles as queiram elogiar. Artistico não significa formoso, mas bello, e a fealdade pode ás vezes ser uma artistica belleza.

Casimira gostou do madrigal, e bem disse a arte, que lhe tinha valido a primeira fineza em que podia acreditar sem desconfiança.

Depois fallámos do amor e eu tracei-lhe os meus desenganos com as mais sombrias côres. Contei-lhe historias de noivas mortas, de noivas traidoras, de namoradas que me tinham aborrecido por não saber de que fallar-lhes, e soltei duas ou tres phrases d'este jaez:

—A constancia é um titulo de Castella.

Tambem creio que houve em Granada um jornal com este titulo. Buscal-a na mulher equivale a querer quadrar um circulo.

Quando ia a retirar-se, disse-lhe:

—Não se retire já. E' apenas meia noite...

Era uma hora da madrugada...

Elogiei a sua conversação, a sua bondade, o timbre da sua voz, o perfume do seu lenço e por ultimo queixei-me da sua falta de franqueza para commigo.

—V. ex.^a deve ter soffrido muito... conclui. Na sua vida deve haver um grande desgosto. Morreu-lhe alguma pessoa querida!... Eu conto-lhe tudo, e v. ex.^a não me conta nada!

—Juro-lhe, respondeu-me ella, que não amei pessoa alguma.

O juro-lhe era um pleonasma na sua bocca, mas provava que se ia esquecendo da sua fealdade quando fallava commigo.

Na noite seguinte, n'um baile, perguntei-lhe com uma dissimulação digna de Talma:

—Por que não dança?

Ella não se atreveu a dizer-me: «porque me não convidam», e respondeu:

—Porque não gosto.

E ficou pensativa.

Perguntava, de certo, a si propria, n'aquelle momento, se eu teria a retina de tal modo constituida que não visse como ella era.

Estavamos no quarto dia.

Eu aferrei-me em crer, e quasi lhe fiz crer a ella, que o seu namorado estava ausente e que por isso a via triste e decidida a não dançar.

Negou-me ligeiramente a ausencia do imaginario namorado, e carregou a mão... em que não era essa a causa porque não dançava.

Prescendi pois do baile e apertei o caso do noivo. Então, reventou do seu peito a tremenda e anhellada phrase:

—Alexandre, o senhor zomba de mim. Quem me ha de querer?

Eu não respondi. Fingi-me aggravado e triste, e procurei outra conversação, apparentando que não a tinha ouvido.

E logo, bruscamente, exclamei: ambos somos muito desgraçados e padecemos do mesmo mal: a desconfiança! V. ex.^a não acredita no amor? Eu tambem não. Ambos temos sido feridos no mundo pela nossa exquisita sensibilidade. Digamol'o francamente. O homem só ama a estúpida belleza, e a belleza nunca ama. Nós bem o sabemos e por isso não amaremos nunca. Sejamos pois amigos. Consolemo-nos mutuamente e apoiemo-nos um ao outro.

E com effeito, para que o *oppoio* não ficasse em palavras, n'aquelle noite conduzi-a até casa pelo braço.

No outro dia enviei lhe o *Raphael* de Lamartine e a *Lelia* de George Sand, duas obras espiritalistas em que a materia não serve para nada, com grande desesperação dos leitores.

A' noite, commentando perfidamente estes livros, disse:

—A belleza e a mocidade passam com os annos. A virtude, o talento, as qualidades da alma crescem e fortificam-se com a idade. O corpo é o inimigo do espirito.

Casimira levantou a cabeça com orgulho.

—E no entanto, continuei, que delicadeza de sentimento ha nos seus olhos, Casimira! Que coração tão vehemente me revelam os seus olhares! Em vão procura occultar a força da sua privilegiada organisação. Os olhos atraçoam os nervos. V. ex.^a amaria até ao delirio! Feliz o homem amado por si! Oh! porque a não conheci antes de perder as minhas illusões? Porque prodigalisei os thesouros da minha alma?... Mas dançemos. Necessito aturdir-me. Esta noite hade dançar. Supplico-lh'o. Só com v. ex.^a eu dançaria no estado em que me encontro.

Desde que a trato de perto, tenho horror á frivolidade d'essas raparigas insubstanciaes, que apenas deixam perceber que teem alma. Dançemos, Casimira. V. ex.^a comprehende-me como ninguem.

E Casimira dançou commigo!

(Continúa)

A ESMERALDA

Ella tinha a graça e o encanto nativo das mulheres açorianas. A tez levemente morena e corada, o cabello em ondas fartas, sedosas e pretas, penteado á Estephania. E um sorriso meigo, tentador e divinamente ingenuo. Na sua bocca de labios vermelhos, as palavras tinham a doçura de um favo de mel. Mulher para amar e soffrer.

Os paes, uns pobres creadores de gado na ilha de S. Jorge, viviam da venda annual do gado. Todos os annos, o pae da Rosinha embarcava para a rica e formosa ilha de S. Miguel, a vender o producto da sua criação—as suas vaccas e os seus queijos.

Havia no casal uma vacca antiga, a Esmeralda, que a Rosinha vira nascer e pela qual nutria uma viva affeição. Quando pe-

quena, a pobre e inoffensiva rez, seguia a Rosinha atravez dos prados, como um cão.

Por mais de uma vez os paes haviam tentado desfazer-se do animal, mas a Rosinha chorava como uma Magdalena e arreplava-se como uma collegial, e os paes recuavam ante o desgosto que iriam dar á sua filha unica.

Era um gosto ver a vacca, quando havia attingido todo o seu desenvolvimento, seguir a rapariga por toda a parte, entrar em casa, atravessar os pequenos quartos do rez-do-chão com uma delicadeza surpreendente para não destruir nenhum movel, rodear os alguidares cheios de leite para não tropeçar n'elles, e chegando ao pé da rapariga, estender para ella o seu focinho amarello com a ponta côr de rosa, para que a afagasse com a sua mão pequenina n'umas caricias que a Esmeralda saboreava com os olhos semi-fechados, pagando-lhe com uma lambedela amavel nas mãos, e soltando um mugido forte que abalava todo o predio.

De tal modo se entretinha a Rosinha no tratamento da sua vacca, como ella dizia, que ainda não tinha prestado attenção a nenhum rapaz do sitio, como alias succedia com as filhas dos outros creadores, da mesma idade d'ella. E' verdade que ainda era muito nova; mas que diabol havia exemplo de raparigas na vizinhança, que aos quinze annos—a idade da Rosinha—já estavam casadas.

Os paes tambem não se apressavam. Custa tanto a separar de uma filha unica, meiga e trabalhadora!

Nas ilhas ha crises periodicas de grandes seccas, em que os pastos e as terras araveis não produzem. Vem então a fome, a penuria e a ruina. As vaccas definham, adoecem e morrem. O leite escasseia e com elle o seu producto immediato—a manteiga e o queijo.

Fazem-se procissões de penitencia e os parochos nos templos guiam a voz dos crentes em direitara ao céu, em fervorosas preces *ad petendam pluviam*; mas o céu de um azul ferrete, teima em conservar-se implacavelmente deserto de nuvens, como se cobrisse um territorio africano. A terra levanta se n'uma poeira tenuissima, suffocadora, ardente, que augmenta a sede ás plantas estioladas, aos animaes famintos, a pobre gente desolada no meio de tão grande esplendor de luz.

E' então, depois de ter emmagrecido espantosamente o gado que escapou á morte, que os tristes creadores se resolvem, por um esforço desesperado, a ir vendel-o ás ilhas vizinhas, mais ricas. Embarca-se como para um naufragio, com a duvida e o receio no coração.

E assim, aquelles homens quando aportam ás terras fronteiras, conduzindo em grandes barcos antigos, possantes e ronceiros, o resto das suas manadas, teem o aspecto dos povos primavos, das grandes emigrações.

Ora, no anno em que se deu o acontecimento que faz o objecto d'este conto, a Rosinha e o pae, iam como passageiros no barco *Santo Christo*, do mestre Dias, tambem seu piloto, commandante e proprietario. Velho lobo do mar, alto e forte, de arrecadas d'ouro nas orelhas. Um homem rico, dizia-se.

Tinha custado immenso resolver a Rosinha a concordar na venda da sua vacca querida. O pobre animal, como que adivinhando a sorte que o esperava, chegou ao excesso de fazer tres visitas diarias á casa dos lacticinios, onde se achava a Rosinha a trabalhar.

A' compassiva rapariga arrazavam-se-lhe de lagrimas os bonitos olhos pretos, a cada visita da sua favorita, e afagando-a, dizia-lhe com esse tom forte com que se costuma fallar ao gado:

—Ainda não está tudo perdido!... Eh! Esmeralda! Eh! lá! Cuidado com esse alguidar! Vai toca a ir embora!

E dava-lhe uma pancada no dorso gigantesco.

O animal, já habituado ao som d'aquella voz amiga que resoava alegre e afinada como um clarim, olhava a joven longamente, e a um gesto mais energico d'ella, safava-se com infinitas precauções.

Era uma vacca sábia, como é moda agora dizer-se, e que os emprezarios dos circos modernos immortalisariam nos seus cartazes e reclamos espaventosos, se a apanhassem.

O pae de Rosinha estava quasi arruinado, e como os seus vizinhos, tentava uma ultima cartada—vender o resto do gado até que passasse a crise. Foi pois resolvida a viagem; mas a rapariga não se quiz afastar da Esmeralda.

—Heide acompanha-a até á ultima, dizia ella soluçando. E mesmo porque ella sem mim, não embarca.

E era verdade. Quem seria capaz de a fazer sair de casa, atravessar leguas de estrada, e depois seguir pacificamente no mar, sem a Rosinha ao lado? Nem pensar n'isso. Além de que, os cuidados da rapariga tinham conservado á Esmeralda um aspecto excellente, que devia influir muito na venda. Foi isto o que o pae

pensou, e como era homem experiente, decidiu se a consentir que a Rosinha embarcasse tambem.

Foi uma viagem feliz, se descontarmos os incommodos e o perigo resultante da estranha agglomeração dos animaes, da tripulação, dos passageiros e das bagagens.

As viagens entre o archipelago, são perigosas, mesmo para os navios de alto bordo; imagine-se o que não será para barcos de bocca aberta. Semelhantes temeridades são hoje raras, em virtude da duplicação das carreiras dos paquetes e do empobrecimento visivel e geral das ilhas; mas na epoca em que se deu este episodio, ainda não havia soado o momento da transição porque está passando, tanto a industria pecuaria como as outras d'aquella região.

A' vista da ilha de S. Miguel, o famoso barco *Santo Christo* teve de bordar, porque o vento refrescou em sentido contrario, e de má parte, do nordeste, que é sempre prenuncio de mau tempo.

O mestre Dias, costumado ao canal violento do Pico, teve de desenvolver toda a sua sciencia nautica para se approximar do ancoradouro da cidade, antes da noite. O barco, porém, trazia demasiada carga e fendia as aguas vagarosamente. Só uma vantagem adquirira, era a de não jogar muito; mas como se sabe, o gado é má carga, e o barco, apesar da muita largura de bocca, corria risco de adornar, se o mar se encapellasse.

Todas estas considerações corriam na mente do honrado e bravo mestre Dias, no meio de turbilhão de pragas que lhe saiam á flôr dos labios, viuvos do eterno cachimbo, dada a solemnidade do momento.

Com grande desespero d'elle, a noite surpreendeu-o ainda bastantes milhas distante da cidade, embora já se avistasse o pharolim do porto, como o olhar acariciador de um amigo, no limiar da porta hospitaleira.

O tio Dias, porém, não se deixava illudir. Havia ainda que lutar.

A noite desceu rapida, invadindo tudo de sombras. Sentia se o marulhar das ondas altas á roda do barco, batendo de encontro ao costado, e principiava a saltar dentro a espuma.

O barco, agora, jogava mais forte; o mar tornara-se cada vez mais picado; as estrellas apagavam-se no céu, encobertas pelas nuvens caliginosas de um aguaceiro proximo.

—Deixa-o vir, dizia o Dias ao contra mestre, e isto amaina...

Mas qual! O vento sibilava com força estranha, em repelões monstruosos, e as velas pareciam querer rebentar. O mestre, com olhar ancioso no pharolim do porto, mandára tambem accender os pharoes e tocar constantemente a sineta. Não houvesse algum abalroamento.

Mandou segurar com cordas todos os animaes. Não fossem elles pender todos a um lado.

E o barco avançava sempre, penosamente, rangendo e enterando ora a popa ora a prôa, ou salvando n'um salto colossal, uma onda enorme, como um cavallo no *steeple-chase*.

Chegou assim ao ancoradouro. O Dias, com a vista exercitada de velho marinheiro, já procurava uma boia, quando subitamente um furacão abalou todo o barco, agarrando as velas e sacudindo-as pelo ar, como uma pessoa que agarrasse, de raspão, uma gallinha pela aza. As cordas dos bois partiram-se como linhas, e toda aquella carga viva e agitada, escorregou a um lado.

—Estamos perdidos! gritou o mestre Dias.

E não pode dizer mais. O barco voltara-se com um medonho estalar de mastros e de cordas, e tudo desapareceu nas ondas.

Como se esperasse só este seu feito d'armas, o vento acalmou repentinamente, depois da catastrophe.

O Dias, com o instincto da conservação, atirara-se logo ao mar, agarrado a uma taboa a que lançara a mão, e foi o primeiro a salvar-se, porque descobriu perto do logar do sinistro uma jangada enorme, que servia para trabalhos do porto, e onde elle logo saltou; uma vez ali, recuperou o seu sangue frio e tratou de ser util aos seus companheiros na desgraça, gritando, para lhes indicar o seu providencial paradeiro e debruçando-se quanto podia nas ondas, para ver melhor o que se passava.

Os infelizes ouviram n'ò e nadaram fortemente para a jangada. Toda a diminuta tripulação se salvou d'este modo; e dos passageiros, só os que não sabiam nadar é que pereceram.

Algumas vaccas escaparam a nado, sendo recolhidas na jangada. Mas o que maravilhou todos, foi a aproximação da famosa Esmeralda, nadando mansamente, tendo agarrada a uma das pontas uma das mãos da Rosinha, enquanto que a rapariga, servindo-se do outro braço, cortava a agua como um peixe.

— Que diabo é aquillo? bradou o Dias, curvando se na borda da jangada, em risco de mergulhar.

N'isto, a Rosinha chegou junto da jangada, e poderam comprehender todos, então, que eram as saias brancas da rapariga que os tinha intrigado. Salvaram-n'a juntamente com a Esmeralda. O Dias, como todos os homens habituados a lidar com gado, quasi chorou de commoção, quando viu a vacca toda encharcada e a tremer ainda de susto, a cheirar o rosto e a lamber as mãos da Rosinha, que perguntava allucta pelo pae.

Foi preciso segurarem n'a para não se arremessar ao mar em busca do pae, procurando inutilmente a morte, de que milagrosamente escapara.

O dia seguinte, sereno e lindo, claro e radioso, veio encontrar os naufragos em cima da jangada. No momento de irem para terra, o Dias, pondo os olhos humidos de l grimas no rosto da Rosinha, disse lhe:

—Sou sósinho no mundo e não fiquei arruinado com a perda do *Santo Christo*; estou, porém, farto da agua salgada. Tu ficaste orphã de pae e reduzida a penuria. Queres aceitar esta mão de esposo, um pouco velho, é verdade, mas honrado bastante para te estimar e assegurar o teu futuro?

A Rosinha tornou-se muito vermelha, depois fitou a Esmeralda como que a pedir-lhe conselho.

Então o Dias, sorrindo, disse com bondade:

—Tens muito amor a Esmeralda? Eu sei essa historia. Pois bem, fica com ella para sempre, offereço-t'a.

E como a rapariga abrisse uns olhos muito espantados, elle ajuntou:

—Faze de conta que a comprei e que t'a offereci. É o meu presente de noivado.

E fez festas á Esmeralda.

Contra a expectativa da rapariga, o animal poz-se a lamber as mãos do Dias.

—Vés? disse elle a rir para a Rosinha.

Ella então, emocionada, sorriu-se para elle, com esse sorriso adoravel e irresistivel, em que se espelhava toda a bondade da sua alma e que era um dos seus mais poderosos encantos.

Foi o seu primeiro sorriso de mulher. Dois mezes depois, de volta á sua terra natal, casava com o Dias.

JOSÉ MARIA DA COSTA



MONTEBELLO

HISTORIA DE ROMA

POR VICTOR DURUY

TRADUÇÃO DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O immenso successo que obteve em Portugal e Brazil a traducção da *Historia de França*, de Henry Martin, revelou-nos o entusiasmo que o publico está mostrando pelas grandes obras historicas, e por isso nos abalançamos á publicação da *Historia de Roma* de VICTOR DURUY, a obra mais importante que até hoje tem apparecido na Europa.

Todos mais ou menos conhecem o nome do grande historiador francez e tem noticia d'este seu trabalho monumental. A *Historia de Roma* será adornada com

400 PRIMOROSAS GRAVURAS

sendo 150 de pagina inteira.

O formato será in-4°, o mesmo da *Historia de França*, o papel de superior qualidade e o typo com pletamente novo. Sairá aos fasciculos quinzenaes de 32 paginas, com cobertura de côr. Custo de cada fasciculo

120 RÉIS

ESCRIPTOBIO — Travessa da Queimada, 35, Lisboa